

O Sertão Vai Virar Mar: Canudos no Final do Século

Paixão e Guerra no Sertão de Canudos. Antônio Olavo. Salvador : Portfolium Laboratório de Imagens, 1993. 1 videocassete (78 min): son; color; 12 mm. VHS NTSC

O documentário de Antônio Olavo – *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* – como filme histórico, pode ser considerado de várias maneiras. Além do belo resgate da história popular ao registrar imagens, gestos, canções, cenários e depoimentos dos sertanejos, o cineasta apresenta um relato sobre o passado introduzindo várias interpretações sobre Canudos. Qual é a visão histórica que se tenta mostrar? Como afirma Marc Ferro sobre a especificidade do filme histórico:

O cineasta seleciona na história os fatos e os traços que alimentam sua demonstração [...] O filme histórico difere pouco de outras formas de discurso sobre a história: do romance histórico e trabalhos acadêmicos. Mesmo com relação ao teatro, a especificidade do cinema é mínima, certamente, ela intervém (ângulos de tomadas de vista, planos gerais, grandes planos, fundidos, utilização mais elaborada da relação entre o som e a imagem etc.). Certamente, estes filmes ajudam a inteligibilidade dos fenômenos históricos e a difusão dos saberes sobre a história e eles têm uma virtude pedagógica...” (FERRO, 1989, pp. 111-112).

Concordando com Marc Ferro, assinalemos logo de início uma primeira “virtude pedagógica” do filme de Antônio Olavo: o uso, sobretudo, da história popular e oral para se contrapor ao relato do tipo tradicional, reproduzido da história oficial, em que os sertanejos eram (são) vistos como bárbaros ou fanáticos. A

memória popular que aparece na fala de Zefa Maciel (86 anos), Manuel Maciel (54 anos), Zé da Isabé (100 anos), entre outros, ajuda a contar uma “outra” história sobre a vida de Antônio Conselheiro. O que se nota, através desses depoimentos, é como a figura do peregrino dos sertões da Bahia e de Sergipe, ainda hoje exerce um grande fascínio sobre os sertanejos pobres da região. Esse encantamento, que pode ser atribuído à qualidade pessoal de Antônio Conselheiro como líder religioso, coloca uma primeira indagação para o presente: até que ponto a sua ação educadora e carismática modificaram as atitudes do povo sertanejo da região diante das formas de exploração, de dominação, existentes no sertão e diante do mundo e da vida; ou, por outro lado, como o seu discurso (vide suas *Prédicas*) e sua conduta exemplar orientaram o comportamento das pessoas.

Uma outra reflexão introduzida pelo filme diz respeito à natureza da comunidade de Belo Monte. Era uma sociedade igualitária? Socialista utópica? Havia realmente igualdade entre os sertanejos em Canudos? Os vários depoimentos de estudiosos da história de Canudos tendem a divergir quanto a esse aspecto ao enfatizarem a realidade sócio-econômica da comunidade. É importante que o filme trabalhe diversos pontos de vista sobre a realidade de Canu-

dos e traga para o presente a discussão sobre Belo Monte. Uma temática que no passado esteve ausente, por exemplo, da obra *Cangaceiros e Fanáticos* (1963) de Rui Facó e do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) de Glauber Rocha, ambos de grande importância para a discussão da figura messiânica de Antônio Conselheiro, mas que viam a religião sertaneja como uma força alienante e impeditiva da revolução social. Por isso, tanto Glauber Rocha quanto Rui Facó descartavam o messianismo religioso de Antônio Conselheiro como alternativa política. A polêmica, nesse sentido, sobre se a comunidade de Belo Monte era de caráter socialista ou não (vide depoimento contrário de José Calasans que nega a existência de sociedade igualitária devido à presença de vários comerciantes), ganha força no interior da cultura nacional somente mais tarde, com a publicação das obras de Edmundo Moniz, *Canudos e a Guerra Social* (1978) e *Canudos e a Luta pela Terra* (1981). Por outro lado, nessas obras, cujo viés analítico é o marxismo, Rui Facó e Edmundo Moniz já evidenciavam algo que aparecerá em outras formulações da esquerda e nos depoimentos de Manoel Neto e Sérgio Guerra, neste filme, sobre a natureza da revolta em Canudos: o domínio secular do "latifúndio" e a luta pela posse da terra como motivadora da resistência. O próprio Edmundo Moniz, na sua fala, retoma as idéias contidas nos seus livros sobre o caráter utópico socialista do movimento liderado por Antônio Conselheiro e a existência de Canudos como uma comunidade igualitária no "srtão semifeudal" ("sociedade igualitária, não pura", "utópica", "terra comum", diz ele). É significativo que essa característica utópica e socialista de Belo Monte será resgatada com mais ênfase, a partir da década de 80, pelos movimentos sociais religiosos e pelos movimentos dos sem terra, que se afirmam na região.

Por fim, no último bloco os depoimentos e os relatos sobre a Guerra. Aí é que se percebe com mais

clareza como a classe e os grupos dominantes impõem determinados "silêncios" à história no sentido de controlar o passado para continuarem com a sua dominação no presente (FERRO, 1989, pp. 7-8). O episódio da degola dos prisioneiros pelas forças do exército, que o livro clássico de Euclides da Cunha relata como "crime nacional", freqüentemente silenciado pela historiografia oficial (vide ausência do mesmo na abordagem sobre a guerra na obra de Rocha Pombo), permanece como um "trauma" que tem impedido a fala e a escrita sobre o tema. No depoimento do coronel Davis Ribeiro vemos um pouco esse fato, quando ele busca legitimar a "missão" do Exército (e com isso preservar uma determinada memória) sob o argumento de que Canudos era uma "secessão" e que devido ao seu "separatismo" devia ser debelada. O fato da maioria dos prisioneiros terem sido barbaramente degolados é quase silenciado pelo militar, que na sua versão afirma que não teria ocorrido "uma prática generalizada da degola". Ora, como um fato vergonhoso, cruel, bárbaro para o país poderia ser lembrado sem denegrir a memória do vencedor? Como a memória dominante poderia dar conta desse passado sem identificar os criminosos? Na verdade, este é um dos grandes "silêncios" da memória dominante sobre Canudos, que foi transformada, com a guerra e pela ação dos militares, de *Terra Prometida* dos sertanejos num monte de ruínas e de mortos.

José Maria de Oliveira Silva

Prof. Departamento Ciências Sociais – Universidade Federal de Sergipe, Doutorando em História na FFLCH/USP.

Bibliografia

FERRO, Marc. *L'Histoire sous surveillance. Science et conscience de l'histoire*. Paris, Calmann Lévy, 1989.